

---

## A Cibercultura: Desterritorialização do Espaço na Rede <sup>1</sup>

Letícia Michele SCHNEIDER <sup>2</sup>

Fábio Luis ROCKENBACH <sup>3</sup>

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

### RESUMO

O surgimento da internet proporcionou uma nova configuração do espaço-temporal, a partir dela vive-se a sensação do imediato e de extinção do espaço físico-geográfico, assim um indivíduo pode estar em determinado lugar e agir em outro. A desterritorialização do espaço permite transmitir uma informação que irá além do tempo que foi emitida. Para explicar essa nova era, autores como Pierre Lévy, André Lemos e Henry Jenkins analisam as mudanças e originam novos conceitos, tais como: ciberespaço, cibercultura, hipertexto, inteligência coletiva e cultura da convergência. Tendo em vista a obra “A biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges, este estudo pretende traçar um paralelo entre o exemplar, o qual alega que o conhecimento total é inacessível e os conceitos trabalhados pelos autores já citados.

**PALAVRAS-CHAVE:** A biblioteca de Babel; Cibercultura; Hipertexto; Internet.

### INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a reconfiguração do espaço-temporal vêm ganhando notoriedade no campo do jornalismo, tendo em vista, que a internet redefiniu o conceito de comunidade, a partir do momento em que rearranjou a definição de espaço. O ciberespaço descrito por Lévy é uma relação de vínculos e não de estrutura física, assim pode crescer indefinidamente.

Para Lévy, a cibercultura se trata de um fluxo contínuo de trocas de dados entre pessoas por meio de computadores ou dispositivos semelhantes. O termo designa a reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço (MARTINO, p. 27, 2014). Entretanto, a constante transformação dos fatores que compõem a cibercultura dá a impressão do indivíduo estar sempre atrasado em relação ao espaço onde foram concebidas as relações.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, e-mail: [174304@upf.br](mailto:174304@upf.br)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Mestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo, e-mail: [fabio@upf.br](mailto:fabio@upf.br)

---

A forma técnica da cibercultura permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo (LEMOS; CUNHA, p. 3, 2003). A cibercultura se caracteriza pela multiplicidade, pela fragmentação e desorganização (MARTINO, p. 28, 2014). Assim, a internet tornou-se um verdadeiro sistema caótico global, no qual, os pontos não se encaixam perfeitamente – “universal sem totalidade”. Nesse sentido, Lévy remete a ideia de “segundo dilúvio” que consiste na comparação do número de informações disponíveis atualmente nas telecomunicações e o dilúvio bíblico de Noé.

O escritor Jorge Luis Borges já previu o acúmulo de informação ao escrever o conto “A biblioteca de Babel”, onde o conhecimento total é inacessível.

O universo (que outros chamam a Biblioteca) compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais [...]. De qualquer hexágono, vêm-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável. [...] Uma das faces livres dá para um estreito vestíbulo, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. (BORGES, p. 38, 1944).

Borges destaca em sua obra um método regressivo para encontrar o livro dos livros que é a chave de todos os demais. Para localizar o livro A, consultar previamente um livro B, que indique o lugar de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito (BORGES, p. 41, 1944), sendo isso possível pelo fato da rede ser um conjunto de nós interconectados. Ao longo do tempo essas redes sofreram modificações e atualmente apresentam um alto grau de flexibilidade e adaptabilidade para prosperarem em um ambiente de constante mudança.

Os nós estabelecidos pela rede abrem diversas possibilidades de escolha, no entanto, o contexto da comunicação está sempre indefinido, pois depende das transformações exercidas no processo de comunicação. Para Lévy:

[...] o contexto serve para determinar o sentido de uma palavra; é ainda mais judicioso considerar que cada palavra contribui para produzir o contexto, ou seja, uma configuração semântica reticular que, quando nos concentramos nela, se mostra composta de imagens, de modelos, de lembranças, de sensações, de conceitos e de pedaços de discurso (p. 14, 1993).

A cada nova palavra, ou seja, a cada instante haverá um novo sentido em relação ao que foi pensado anteriormente. As mensagens e seus significados se alteram ao deslocarem-se de um ator a outro na rede, e de um momento a outro do processo de comunicação (LÉVY, p. 13, 1993). Desse modo, os atores da comunicação produzem

incessantemente um universo de sentido que os une ou que os separa conhecido por hipertexto.

O hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo (LÉVY, p. 15, 1993). O hipertexto pode ser representado pela figura de um hexágono, pois permite a criação de redes com múltiplas possibilidades de escolha que levam a diferentes caminhos. Portanto, o hipertexto implica em uma ampla quantidade de informações, o que pode ser comparado ao livro de Borges.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os avanços tecnológicos permitem que cada vez mais pessoas tenham acesso às redes de computadores ou smartphones. Desse modo, o número de trocas, saberes e conhecimentos tornam-se maiores entre as pessoas ou grupos, conseqüentemente, o ciberespaço expande-se. O resultado é a criação de novos aplicativos, sites e programas para deixar todos ainda mais conectados. Vale lembrar, que o mundo virtual do ciberespaço, [...], não se opõe ao que seria um mundo “real”, das coisas desconectadas (MARTINO, p. 31, 2014), já que para a cibercultura ambas dimensões articulam-se.

Por conseguinte, a cibercultura também acontece em ambientes offline, já que as relações sociais que circulam nas redes entre computadores existem no mundo desconectado, por exemplo, em bibliotecas. Nesse espaço as trocas de informações diferem-se do que ocorre nas redes, porém isso não quer dizer que na cibercultura a tecnologia determina as ações humanas. Para Lévy, [...] o que separa a “cultura” da “cibercultura” é a estrutura técnico- operacional desta última: a cibercultura, a princípio, refere-se ao conjunto de práticas levadas a cabo por pessoas conectadas a uma rede de computadores (MARTINO, p. 28, 2014).

O resultado são comportamentos que não aconteceriam caso não existisse um aparelho tecnológico, tal como conversar com um amigo que está morando em outro país ou então encontrar na rede social um colega de escola que não se via há muito tempo. Ou seja, retoma-se o contato sem nenhum deslocamento físico.

Nota-se um novo vínculo com o surgimento das redes: a relação entre pessoas que não se conhecem, mas compartilham as mesmas opiniões ou ideais, sendo um dos elementos que Henry Jenkins caracteriza como cultura da convergência. A noção de convergência parte do princípio de que as diferentes mídias tendem a ser agregadas e

ressignificadas na experiência dos indivíduos gerando novas articulações na maneira como esses fenômenos são vivenciados (MARTINO, p. 36, 2014).

A convergência cultural acontece na interação entre indivíduos que ao compartilharem mensagens, ideias e valores acrescentam suas próprias contribuições a isso, transformando-os e lançando-os de volta nas redes (MARTINO, p. 34, 2014). Conseqüentemente, a interação é um ato que acontece entre os participantes envolvidos, na qual, valoriza a ação recíproca e a interdependência. A interação não deve ser vista como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os interagentes. (PRIMO, p. 8, 2005).

A convergência não existe em decorrência da tecnologia, ela ocorre na mente dos indivíduos, ou seja, é provocada pelos usuários. Assim, como sucede na internet, Borges destaca que todo o conhecimento do mundo está presente em uma biblioteca, sendo esta a lei fundamental da biblioteca:

Tudo: a história minuciosa do futuro, as autobiografias dos arcanjos, o catálogo fiel da Biblioteca, milhares e milhares de catálogos falsos, a demonstração da falácia desses catálogos, a demonstração da falácia do catálogo verdadeiro, o evangelho gnóstico de Basilides, o comentário desse evangelho, o comentário do comentário desse evangelho, o relato verídico de tua morte, a versão de cada livro em todas as línguas, as interpolações de cada livro em todos os livros; o tratado que Beda pode escrever (e não escreveu) sobre a mitologia dos saxões, os livros perdidos de Tácito (p. 40, 1944).

A diversidade de ideias e princípios originários da interação entre duas pessoas ou grupos no ciberespaço permite que o conhecimento seja reconstruído, alterado de acordo com as necessidades do momento, é o que Lévy entende por inteligência coletiva. Caracteriza-se, de saída, pela diversidade qualitativa entre seus componentes e pela expansão contínua por conta da articulação e troca constantes que o transformam e adaptam a novos contextos (MARTINO, p. 31, 2014). Neste caso, a noção de inteligência não está relacionada com a formação, mas com a iniciativa de transformar saberes dentro das práticas e relações humanas.

Desse modo, todas as pessoas podem colaborar com algum componente significativo para a construção de um conjunto de saberes que ficará disponível a todos com o intuito de serem usados e transformados, seja no meio digital ou físico. Para Borges, os homens mais antigos (os primeiros bibliotecários) usavam uma língua bem diferente da qual fala-se agora; é verdade que algumas milhas à direita a língua é dialetal e que noventa andares mais acima é incompreensível (BORGES, p. 39, 1944).

---

É por meio da inteligência individual que pode-se compreender pequenas partes de um todo. A inteligência coletiva, ao que parece, indica que o valor de um conhecimento depende do contexto no qual se está (MARTINO, p. 32, 2014), portanto, o conhecimento de qualquer indivíduo poderá ser útil para alguém em determinado momento. Logo, um livro sobre como consertar um motor de um navio será de extrema importância para quem tem esse ofício. Cada conhecimento é valorizado dentro de seu contexto específico, sem necessariamente implicar na desqualificação dos outros (MARTINO, p. 32, 2014).

Para Lemos, a cibercultura é uma forma sociocultural que prosperou da união entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica por meio da convergência das telecomunicações com a informática na década de 70. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna (LEMOS; CUNHA, p. 2, 2003).

Lévy classifica a internet como um meio de comunicação “universal sem totalidades”, para tal leva em consideração a expressão “universal” como um conjunto complexo e, por conseguinte, caótico das produções da mente humana que podem ser encontradas nas redes de computadores. Todavia, Borges entende que uma biblioteca também pode ser “universal sem totalidades” ao constatar que:

O número de símbolos ortográficos é vinte e cinco. Essa comprovação permitiu, depois de trezentos anos, formular uma teoria geral da Biblioteca e resolver satisfatoriamente o problema que nenhuma conjetura decifrara: a natureza disforme e caótica de quase todos os livros. [...] Sei de uma região montanhosa cujos bibliotecários repudiam o supersticioso e vão costume de procurar sentido nos livros e o equiparam ao de procurá-lo nos sonhos ou nas linhas caóticas da mão... Admitem que os inventores da escrita imitaram os vinte e cinco símbolos naturais, mas sustentam que essa aplicação é casual, e que os livros em si nada significam (p. 39, 1944).

Em síntese, seja na internet ou em uma biblioteca não existe a presença de um elemento unificador – como ocorre na religião católica, sendo este Deus – que configure ou organize todas as peças da cibercultura. Assim, é necessário um fator externo para estabelecerem todas as produções um elemento comum.

Lévy entende que o conteúdo da comunicação, na maior parte das vezes, é menos relevante que o próprio ato da comunicação e o que está implícito nele. No hipertexto – rede de computadores ou rede de pessoas – uma mesma palavra pode ter diferentes significados para quem a houve, um exemplo prático é a palavra maçã. Cada pessoa pode compreender o termo com um significado distinto: uma fruta; uma representação do

---

pecado, sendo esta um fruto proibido e por último um símbolo do conhecimento devido à descoberta de Newton. Para o autor:

O jogo da comunicação consiste em, através de mensagens, precisar ajustar, transformar o contexto compartilhado pelos parceiros. Ao dizer que o sentido de uma mensagem é uma "função" do contexto, não se define nada, já que o contexto, longe de ser um dado estável, é algo que está em jogo, um objeto perpetuamente reconstruído e negociado. Palavras, frases, letras, sinais ou caretas interpretam, cada um à sua maneira, a rede das mensagens anteriores e tentam influir sobre o significado das mensagens futuras (p. 13, 1993).

Dessa maneira, as modelizações sistêmicas e cibernéticas da comunicação tornam-se insatisfatórias. Elas consistem quase sempre em designar certo número de agentes de emissão e recepção, e depois em traçar o percurso de fluxos informacionais, com tantos anéis de retroação quanto se desejar (LÉVY, p. 13, 1993), no entanto, esse percurso deixou de ser calculável devido à infinidade de probabilidades de hiperlinks.

Os diagramas sistêmicos reduzem a informação a um dado inerte e descrevem a comunicação como um processo unidimensional de transporte e decodificação (LÉVY, p. 13, 1993). Quando trata-se de uma rede de computadores essas informações são reduzidas a dados binários, onde todas as combinações dos dígitos zero e um parecem já existir. Borges percebeu que os livros também são um aglomerado de diferentes combinações de símbolos e algarismos já existentes, assim como os dados binários. Para ele:

Não posso combinar certos caracteres que a divina Biblioteca não tenha previsto e que em alguma de suas línguas secretas não contenham um terrível sentido. Ninguém pode articular uma sílaba que não esteja cheia de ternuras e de temores; que não seja em alguma dessas linguagens o nome poderoso de um deus. Falar é incorrer em tautologias. Esta epístola inútil e palavrosa já existe num dos trinta volumes das cinco prateleiras de um dos incontáveis hexágonos – e também sua refutação (BORGES, p. 42, 1944).

Não somente cada palavra transforma, pela ativação que propaga ao longo de certas vias, o estado de excitação da rede semântica, mas também contribui para construir ou remodelar a própria topologia da rede ou a composição de seus nós (LÉVY, p. 15, 1993). Logo, toda vez que um novo caminho é percorrido algumas conexões são reforçadas, já outras serão desfeitas, sendo esta a principal lógica dos hiperlinks.

## ANÁLISE

---

O surgimento da rede de dados ou rede de computadores permitiu que dois ou mais dispositivos eletrônicos se interligassem por meio de um sistema de comunicação, nos quais compartilham informações entre si. Em decorrência das inúmeras transformações que os computadores vêm sofrendo desde o seu surgimento, em 1936, não se torna necessário a presença de um computador central para que coordene os demais, evitando, assim, um colapso global em caso de falha do mesmo. Do mesmo modo, a biblioteca é uma esfera cujo centro cabal é qualquer hexágono, cuja circunferência é inacessível (BORGES, p. 38, 1944).

O processo de comunicação pode ser organizado através de seis princípios abstratos estabelecidos por Pierre Lévy, entre eles, o princípio de mobilidade dos centros. Nele, a rede possui diversos centros que saltam de um nó para outro, o que resulta numa ramificação infinita de pequenas raízes que formam novos caminhos. O autor defende que o crescimento ou a diminuição da rede dependem de um fator externo indeterminado, assim como a adição de novos elementos ou de novas conexões. Além disso, o princípio da metamorfose determina que a rede mantém-se em constante construção e renegociação:

Ela pode permanecer estável durante certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesma fruto de um trabalho. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes destes objetos, etc (LÉVY, p.15, 1993).

Por isso, cada pessoa conectada à internet faz parte do ciberespaço ao publicar, trocar ou compartilhar informações mesmo que elas sejam ressignificadas pelo tempo, ou seja, o ciberespaço é caracterizado pelo uso dessa estrutura técnica. Assim como nos espaços reais nem todas as pessoas são igualmente ativas, engajadas em questões políticas ou em conversas, no ciberespaço as conexões não são iguais (MARTINO, p. 29, 2004). Vale ressaltar, que mesmo no espaço físico é impossível não estabelecer nenhuma relação. Apesar dos livros não possuírem o elevado número de conexões disponíveis na internet, Borges também afirma que a biblioteca é interminável:

Como todos os homens da Biblioteca, viajei na minha juventude; peregrinei em busca de um livro, talvez do catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer, a poucas léguas do hexágono em que nasci (p. 38, 1944).

---

Tal feito é caracterizado pela inteligência compartilhada entre diversos indivíduos, a inteligência coletiva. Ela representa todo o saber da humanidade, pois mesmo que ninguém seja capaz de saber tudo, todos possuem algum tipo de conhecimento. Para Lévy, pautam-se em uma ética da reciprocidade: a obtenção de informações deve ser retribuída com o acréscimo de informações e dados, bem como do respeito aos outros participantes (MARTINO, p. 32, 2004).

Na cultura da convergência estabelecida por Henry Jenkins, o receptor se torna alguém produtivo que vai reinterpretar as mensagens conforme seus códigos culturais, reconstruindo-as e lançando-as de volta, sejam para meios digitais como as redes sociais ou físicos como os livros. Ou seja, o emissor é o agente criativo que molda a mensagem que deverá afetar o outro pólo (em uma posição hierarquicamente inferior): o receptor. (PRIMO, p. 3, 2005). Borges assimila que a biblioteca é ilimitada e periódica, pois se um eterno viajante a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem (p. 42, 1944).

Para Jenkins, a noção de cultura é dinâmica e plural, com traços de várias culturas que redefinem-se a cada instante, além disso, é necessário que os usuários compartilhem signos e linguagens para que a convergência aconteça. Jorge Borges concorda com o posicionamento do autor ao afirmar que:

Falam (eu o sei) de "a Biblioteca febril, cujos fortuitos volumes correm o incessante risco de transformar-se em outros e que tudo afirmam, negam e confundem como uma divindade que delira". Essas palavras, que não apenas denunciam a desordem, mas que também a exemplificam, provam, evidentemente, seu gosto péssimo e sua desesperada ignorância. De fato, a Biblioteca inclui todas as estruturas verbais, todas as variantes que permitem os vinte e cinco símbolos ortográficos, porém nem um único disparate absoluto (p. 42, 1944).

Os processos de convergência são dinâmicos. Ao consumir algo planejado pela indústria cultural, o indivíduo pode compartilhar sua experiência com comentários a respeito do que entendeu, como resultado, a experiência de outra pessoa pode ser alterada. Assim, como ocorre no meio digital, livros também podem ser reinterpretados. A convergência não significa que um meio novo destrua ou invalide um meio antigo, mas entende que ambos se modificam mutuamente em uma intmeccção da qual emergem novos significados (MARTINO, p. 36, 2004), ou seja, é uma evolução sustentável. Dessa forma,

---

espaços físicos como uma biblioteca passam por uma etapa de ressignificação com o auxílio da tecnologia. Para Borges:

[...] a biblioteca é tão imensa que toda redução de origem humana resulta infinitesimal. [...] cada exemplar é único, insubstituível, mas (como a Biblioteca é total) há sempre várias centenas de milhares de fac-símiles imperfeitos: de obras que apenas diferem por uma letra ou por uma vírgula (p. 41, 1944).

Trata-se da lei da reconfiguração, a migração de formatos e da lógica de reconfigurar práticas, modalidades midiáticas e espaços sem a necessidade do aniquilamento das formas anteriores. Tal como, a televisão, o rádio e a mídia impressa não caíram em desuso, apenas passaram a exercer outras funcionalidades.

A introdução das novas tecnologias permitiu a expansão da quantidade de informações geradas e disponibilizadas, as quais são reorganizadas pelos hiperlinks. A rede proporcionou a criação de algoritmos, esse [...] utiliza os links em hipertexto a partir de princípios simples: cada link é entendido como um voto de um texto em outro, votos de um texto recebendo pesos proporcionais a sua relevância (VENEGEROLES; MURAD; VICENTE, p.33, 2009).

Para Lévy, o hipertexto desterritorializa a conceituação de texto, impedindo-o de estabelecer uma fronteira nítida, ou seja, sempre vai existir um trabalho contínuo de organização, seleção e associação de novas informações. Em outras palavras, um texto está contido dentro de outro e assim por diante, o que representa a figura do hexágono. O escritor Borges, demonstra esta mesma linha de pensamento ao associar a posição das estantes da biblioteca no formato de hexágonos:

A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco estantes; cada estante encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de umas oitenta letras de cor preta. Também há letras no dorso de cada livro; essas letras não indicam ou prefiguram o que dirão as páginas (p. 38, 1944).

Os links funcionam como um ponto de acesso para outros espaços que terão a finalidade de enriquecer a leitura, como ver determinado problema por diferentes ângulos; isso vale tanto para o meio digital como para o físico, já que os livros apresentam tais conexões, entretanto, estas não são orientadas por máquinas. É necessário levar-se em consideração que o conteúdo dos hiperlinks por mais que não sejam idênticos, repetem-se em infinitas combinações, já que os elementos utilizados são os mesmos, sendo esta descrita como a lei fundamental da biblioteca. Todos os livros, por diversos que sejam,

---

constam de elementos iguais: o espaço, o ponto, a vírgula, as vinte e duas letras do alfabeto (BORGES, p. 40, 1944). Outro aspecto a ser destacado sobre os hiperlinks é que:

Cada receptor percorre a rede de módulos e links apenas parcialmente e em trilhas individuais de recepção, ou seja, cada receptor decide, de conformidade com seu conhecimento prévio, seus interesses e preferências, quais os módulos que deseja acessar, e em qual sucessão e combinação: sua liberdade de escolha é delimitada apenas pelos links instalados pelo autor e pela funcionalidade estabelecida do sistema (KOCH, p.27, 2007).

Desse modo, o hipertexto não é para ser lido do início ao fim, sendo entendido como a figura de um labirinto, o qual permite uma infinidade de possibilidades através de conexões coerentes. Além disso, sua estrutura moldável e não-linear trilharam uma única direção entre tantas disponíveis. Para Borges:

Quando se proclamou que a Biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se senhores de um tesouro intacto e secreto. Não havia problema pessoal ou mundial cuja eloquente solução não existisse: em algum hexágono (p. 40, 1944).

Vale reforçar, que tudo isso só é possível por meio da inteligência coletiva. Esta valoriza as capacidades individuais, que inicialmente eram transmitidas oralmente, depois transcritas em livros e agora a tecnologia permite que a humanidade compartilhe em grande escala seu bem mais poderoso: o conhecimento.

## CONCLUSÃO

A introdução de novas tecnologias possibilitou a desterritorialização do espaço físico e, conseqüentemente, mudou a maneira das pessoas comunicarem-se. No ciberespaço, todas as informações sempre “estão lá” - nas memórias dos computadores e/ou servidores - mesmo que não estejam sendo acessadas. Elas terão uma função quando forem acessadas e transformadas em sons, imagens, figuras e texto na tela do computador ou do smartphone. Os dados do ciberespaço são todos virtuais até que se transformem naquilo que devem ser (MARTINO, p. 30, 2014). Para Castells:

Uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo, transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (p.7, 2003).

---

A inteligência coletiva descrita por Pierre Lévy compreende que todo conhecimento é válido, ou seja, não necessita-se de uma formação, pois em alguns casos a experiência prática é mais enriquecedora, aliás, tudo terá seu valor na ocasião certa. Por exemplo, muitas pessoas assistem tutoriais no YouTube a fim de executar determinada tarefa, como seguir uma receita, montar um armário. Assim, essa só existe devido a conhecimentos individuais.

A cibercultura permite que o indivíduo deixe de ser apenas um receptor passivo de informações, pois ele receberá a mensagem, irá interpretá-la e lançá-la de volta a rede com suas opiniões/críticas modificando a cadeia emissor-receptor, vale destacar, que alguns sempre serão mais ativos que outros, assim como acontece no mundo desconectado.

A quantidade de informações disponíveis na rede ou em uma biblioteca permite um número quase que infinito de possibilidades, tais caminhos são conhecidos como hiperlinks - representados pela figura do hexágono. Para Lévy, os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular (KOCH, p.24, 2007).

Sua organização não-linear favorece ao leitor percorrer rotas desconhecidas e ampliar seu conhecimento sobre um tema. O sistema de algoritmos é responsável por essas combinações, ele traça um perfil do usuário conforme suas pesquisas e, conseqüentemente, dispõe em sua timeline assuntos que julga ser de maior interesse. Nesse mesmo sentido, Koch afirma que:

Os links são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe não só produzir uma leitura mais aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, como também cercar determinado problema por vários ângulos, já que remetem sempre a outros textos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros (p.26, 2007).

Desse modo, a análise possibilita entender que as novas tecnologias são uma forma diferente de acumular conhecimento quando comparada a uma biblioteca tradicional, além disso, na rede, o hipertexto viabiliza uma dinâmica de leitura mais ampla do que um livro convencional. Ao escrever a obra “A Biblioteca de Babel”, Jorge Luis Borges, já sabia a importância da comunicação e do conhecimento para a humanidade, sendo este cada vez mais valorizado nos dias atuais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. **Ficções**. São Paulo, 1944.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, 2003.
- KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. *Alfa*. São Paulo, n. 51, p. 22-38, 2007.
- LEMONS, A; CUNHA P (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre, 2003.
- MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Rio de Janeiro, 2014.
- PIERRE, L. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo, 1993.
- PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. 404NotFound, n. 45, 2005.
- VENEGEROLES, R; MURAD, S; VICENTE R. A teia do conhecimento: modo de usar. *Revista USP*. São Paulo, n.80, p. 28-37, dezembro/fevereiro 2008-2009.